

LATRODECTUS E LATRODECTISMO NA AMÉRICA DO SUL

I. DESCRIÇÃO DO MACHO DA POPULAÇÃO DE *LATRODECTUS* WALCKENAER, 1805, DAS PRAIAS DO RIO DE JANEIRO E DA GUANABARA

WOLFGANG BÜCHERL

Secção de Artrópodos Peçonhentos, Instituto Butantan, São Paulo, Brasil

INTRODUÇÃO

As investigações sistemáticas e de distribuição geográfica das espécies de *Latrodectus* Walckenaer 1805, que ocorrem nas três Américas, ainda se acham em andamento e bastante longe de solução.

Em 1911, Petrunkevitch (1) admitia apenas as seguintes três espécies: *curacaviensis* (Müller) 1776 — nas Índias Ocidentais, em Surinam, no Brasil, Paraguai e na Argentina, *geometricus* C. L. Koch, 1841 — cosmopolita, assinalada nas Américas, principalmente no Brasil e *mactans* (Fabricius) 1775 — Américas do Norte, Central e Sul até a Terra do Fogo, Índias Ocidentais e Bahamas.

Roewer, em 1942 (2), conservou as mesmas três espécies, mas considerou válidas também mais as seguintes: *sagittifer* Dahl 1902 do Rio Grande do Sul, *carteri* e *cretaceus*, ambas do Chaco paraguaio, descritas por Badcock em 1932.

Gerschman e Schiapelli (3), no mesmo ano de 1942 e independentemente de Roewer, colocaram *curacaviensis*, *sagittifer*, *carteri* e *cretaceus* em sinonímia com *mactans*, embora com certa ressalva quanto ao colorido de *curacaviensis* e admitiram como espécie boa a *joliatus* Melo-Leitão 1940, relativamente comum na província de Buenos Aires, embora aparentada com *geometricus*.

Levi, em 1958 (4) e 1959 (5), reviveu as velhas três espécies, assinaladas por Petrunkevitch e colocou em sinonímia com *curacaviensis* as espécies de Badcock e a de Melo-Leitão e com *mactans* a descrita por Dahl. Em 1964, porém, com a co-autoria de McCrone (6), foi forçado a admitir um “grupo” de *curacaviensis* com espécies boas na América do Norte e do Sul, aguardando as últimas um novo estudo comparativo, principalmente as velhas espécies de Nicolet.

Abalos, em 1962 (7), tendo comparado a forma externa das ootecas de *L. mactans* da Colônia Dora, em Santiago del Estero, procurou abalar o conceito específico de *mactans*, sugerindo a existência de pelo menos três espécies naquela população.

Isto, principalmente no tocante a fêmeas. Quanto aos machos, as questões nomenclaturais parecem ainda mais confusas, de um lado pela simples razão da extrema raridade dos mesmos e, do outro, por serem muito pequenos, cêrca de 3 mm apenas, de maneira que as poucas diagnoses existentes são mais do que sumárias. Sirva de exemplo o macho de *curacaviensis*: Segundo Levi desapareceu de Curaçao, juntamente com a fêmea; o macho descrito por C. L. Koch, 1838, sob o nome de *dotatus*, tipo da Pensilvânia, ainda o macho designado com o nome de *geographicus* O. P. Cambridge 1902 (8), sem designação do tipo, mas assinalado para o Brasil e as Antilhas, o macho *Chacoca antherata* Badcock 1932, tipo de Nanahua no Chaco paraguaio e finalmente o macho de *foliatus*, tipo da província de Buenos Aires, foram todos considerados por Levi como sinônimos de *curacaviensis* até o ano de 1959.

A exata descrição de alguns machos da população de "Viúvas Negras" das praias do Rio de Janeiro e da Guanabara é, pois, desejável, principalmente porque, com exceção de *geometricus*, tinha-se assinalado a inexistência em grande número no Brasil de *mactans* ou de *curacaviensis*.

MATERIAL E MÉTODOS

Dezessete machos de "Viúvas Negras" foram capturados em diversas expedições às praias do Rio de Janeiro e da Guanabara. Alguns foram trazidos vivos ao Butantan e observados durante algumas semanas. Os mortos foram fixados, conservados e estudados com a lupa binocular.

Descrição

N.º 1755 da Coleção aracnológica do Instituto Butantan; expls. a), b), c), d), e).

Medidas:

Comprimento total: n.º 1755 a) — 2,8 mm; b) — 3,00 mm; c) — 2,9 mm; d) — 3,3 mm*; e) — 2,9 mm.

Comprimento e largura do cefalotórax: 1,3 x 1,2 mm em todos.

Comprimento e largura do abdômen: 1,5 x 0,9 mm em a); pouco variável nos demais.

* O exemplar n.º 1755-d) é um macho jovem, já com bulbo, mas ainda sem êmbolo. É interessante notar-se o comprimento total em relação às pernas ainda curtas. *Colorido* (exemplares vivos): Cefalotórax e esterno castanho escuro, quase negro; dorso do abdômen (fig. 5) negro, com manchas irregulares de um vermelho róseo, bem mais claro que o rubro saturado das fêmeas e que ocupa os lados do dorso e áreas centrais (em branco na fig. 5). Quanto às manchas negras e róseas, nenhum exemplar é completamente igual

Comprimento e largura do bulbo: 0,6 x 0,6 em a); 0,55 x 0,55 mm em b).

Comprimento do êmbolo desdobrado: cerca de 2 x mais longo que o palpo todo.

| | | | | | | |
|----------------------|------|----------|----------|---------|----------|----------|
| Comprimento da perna | I: | a) 10,5; | b) 9,25; | c) 7,0; | d) 6,65; | e) 7,65; |
| “ “ “ | II: | 6,3; | 5,50; | 4,4; | 3,60; | 4,90; |
| “ “ “ | III: | 4,0; | 3,80; | 3,0; | 2,75; | 2,90; |
| “ “ “ | IV: | 7,9; | 7,60; | 6,5; | 5,50; | 6,30. |

Em todos a 1ª perna é a mais longa, seguida pela 4ª, vindo depois a 2ª e, por último, a 3ª. Os fêmures, as tíbias e os metatarsos são os artículos decisivos, que condicionam a seqüência dos comprimentos totais das pernas.

Esterno e lábio (fig. 3): Por poucos décimos de milímetro mais longo que a parte anterior, mais larga; um tanto cordiforme, com rebordos laterais, que demarcam os encaixes das pernas. Lábio bem mais largo que longo, com borda anterior recurva. Apófises dos palpos lamelares, dirigidos para a frente, truncados aí.

Bulbo e êmbolo (fator específico decisivo, segundo Levi): Bulbo, visto de cima, com cerca de 0,4 mm de diâmetro, redondo e truncado em forma de panela. O êmbolo (figs. 1 e 2) descreve duas curvas e um terço ou duas curvas e meia sobre o ápice do bulbo, antes de se livrar da panela e descer em curva pela face bulbar e encaixar-se entre as apófises condutoras. Seu extremo recurvo é muito fino, delicadíssimo e deve forçosamente quebrar-se ao ser introduzido nos condutos enovelados da fêmea.

Fiandeiras e cólulo: O par anterior curto e grosso, com artículo apical muito pequeno e cônico. O par médio minúsculo, mal visível. O par posterior mais curto e menos robusto que os anteriores. Tubérculo anal triangular. Cólulo atingindo dois terços do artículo basal das fiandeiras anteriores.

Metatarsos e tarsos das pernas bem mais delgados que o diâmetro dos artículos proximais. Pernas recobertas de pêlos curtos. Pente dos tarsos do último par com oito cerdas, ventralmente denteadas. Sulco ungueal sem dentes.

COMENTÁRIOS

Escreveu Levi em 1959: “Embolus of palpus with four coils *geometricus*, with three coils *mactans*, *pallidus*, with two coils *curacaviensis* and also probably *hystrix* and *dahli*”. Os machos do Rio de Janeiro apresentam um número de curvas que os aproximam de *curacaviensis*. Pelas razões já expostas, pre-

ao outro. Ventre escuro (fig. 4), sempre com mancha rósea em forma de ampulheta. Palpos marron avermelhados, inclusive o bulbo; êmbolo negro. Pernas com coxa, trocânter e fêmur enegrecidos, com tíbias, metatarsos e tarsos castanhos ou mesmo cinza amarelados, sobressaindo nas tíbias uma mancha circunscrita amarela e nos metatarsos uma minúscula orla castanha em fundo amarelo, perto da base do artículo. *Olhos* (fig. 6): Os MP noturnos, quase brancos; os MA diurnos, escuros; os 4 laterais claros. As duas fileiras quase paralelas, apenas ligeiramente recurvas; os 4 medianos sobre um cômodo comum, pouco elevado e cada um dos quatro laterais sobre um cômodo separado. A segunda fileira é pouco mais larga que a primeira. Os quatro medianos formam um retângulo, um nada mais largo atrás que adiante e perceptivelmente mais longo que largo. Dimensões e distâncias interoculares ligeiramente variáveis de exemplar para exemplar.

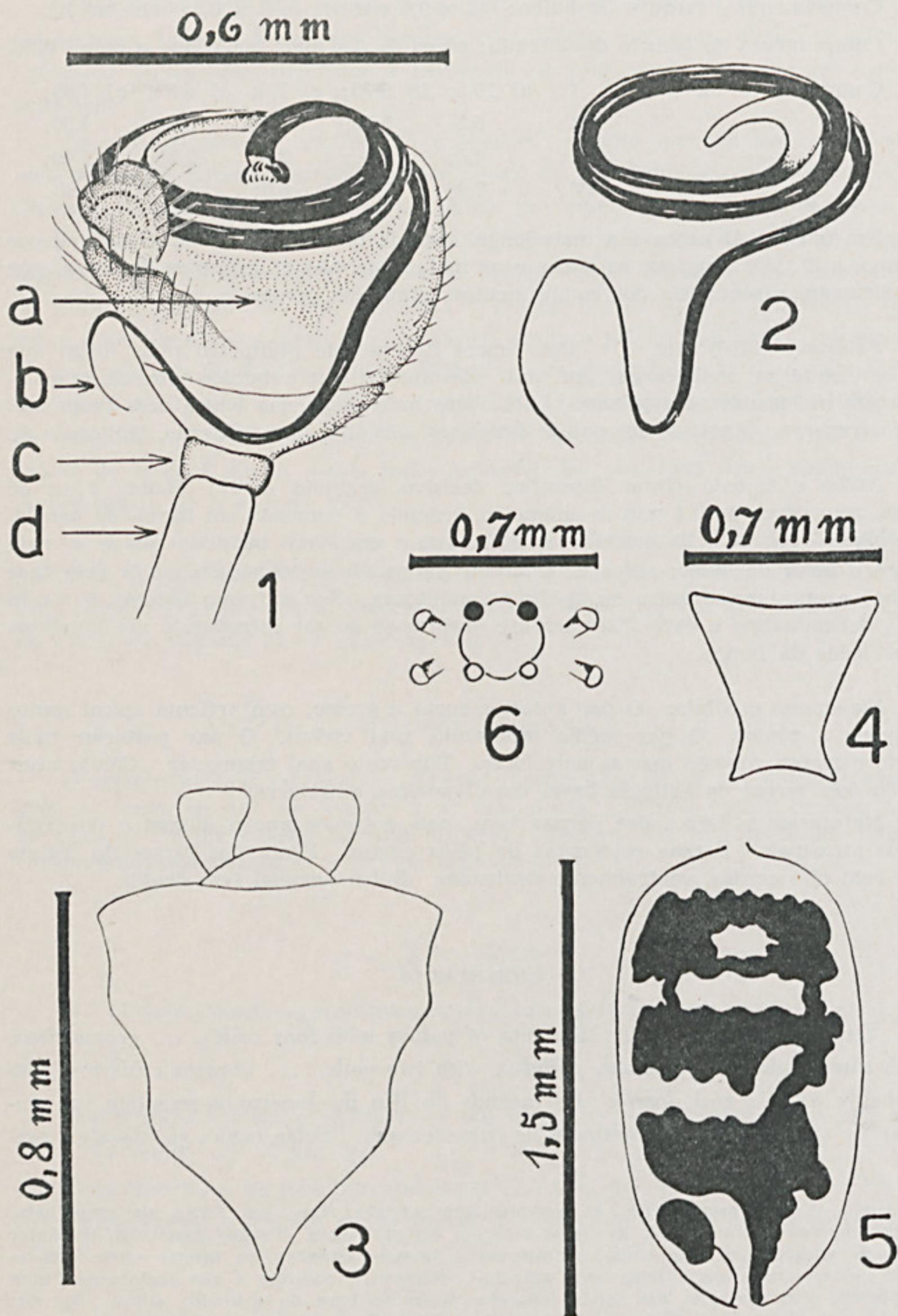


Fig. 1 — Palpo do macho de *Latrodectus* sp.: a) bulbo; b) porção distal do êmbolo; c) patela; d) fêmur. Fig. 2 — Êmbolo, destacado do bulbo. Fig. 3 — Esterno, lábio e apófises dos palpos. Fig. 4 — Mancha em forma de ampulheta. Fig. 5 — Dorso do abdômen (as zonas brancas são vermelho-róseas). Fig. 6 — Olhos.

ferimos, por ora, enquadrar a população no grupo de *curacaviensis*. *L. geographicus*, *foliatus* e mesmo *dotatus*, principalmente o primeiro destes três nomes, dá o que pensar. Os olhos, desenhados por Cambridge, são idênticos aos dos exemplares aqui estudados. O autor assinalou o Brasil como "habitat".

RESUMO

Alguns machos de uma população de *Latrodectus* das praias do Rio de Janeiro e da Guanabara são descritos e enquadrados no grupo de *curacaviensis*, insinuando-se a possibilidade de ser revalidado o nome de *L. geographicus*.

ABSTRACT

Some male specimens of black widow spiders, *Latrodectus*, LATRODECTINAE, THERIDIIDAE, collected on the beaches of Rio de Janeiro behind Niterói and on Guanabara, are described and tentatively placed into the group of *curacaviensis*. Several of their characters, the palpal organ, the number of coils of the embolus and the position of eyes, seem to agree with the male *geographicus* very summarily described by O. P. Cambridge.

Agradecimento — Agradecemos ao Fundo de Pesquisas do Instituto Butantan, que nos possibilitou três excursões aos locais citados.

BIBLIOGRAFIA

1. Petrunkevitch, A. — *Bull. Am. Mus. Nat. Hist.*, 25:180-181, 1911.
2. Roewer, E. F. — *Katalog der Araneae*, 1:424-428, 1942.
3. Gerschman, B. & Schiapelli, R. D. — In Sampayo, R. R. L. — *Latrodectus mactans* y latrodectismo. El Ateneu, Buenos Aires, 1942.
4. Levi, H. W. — *Science*, 127(3305):1055, 1958.
5. Levi, H. W. — *Trans. Am. Microsc. Soc.*, 78(1):7-43, 1959.
6. MacCrone, J. D. & Levi, H. W. — *Psyche*, 71(1):12-27, 1964.
7. Abalos, J. W. — *Ibidem*, 69:268-270, 1962.
8. Cambridge, O. P. — *Ann. Mag. Nat. Hist.*, ser. 7, 10:38-40, 1902.

